

PERNOITE EM BARRA FUNDA

(Original em três atos de Erico Cramer)

1ª A T O

CONTROLE - CARACTERÍSTICA INSIGAL, FUNDE COM TREM EM MOVIMENTO QUE CAI EM B/G.

NARRADOR - O expresso deveria chegar a Vicentina às cinco horas da madrugada e corria pelos trilhos, vertiginosamente, resfolegando. Os passageiros dormiam, quasi todos, recostados nos espaldares dos bancos de palhinha alguns e outros, mais previdentes, em travesseiros ou almofadas, levados especialmente para aquele fim. Três rapazes, que não podiam dormir, divertiam-se jogando cartas e eu, que tambem não podia dormir com o balançar contínuo do trem, mantinha-me recostado, mas de olhos abertos, observando tudo que se passava à minha volta. De repente, sem que ninguem esperasse, o trem começou a diminuir a marcha e foi parando.

CONTROLE - VAI DIMINUINDO A MARCHA DO TREM ATÉ PARAR COMPLETAMENTE.

Narrador - (sem esperar que o trem pare) À princípio imaginamos que se tratasse de uma parada expontânea, à frente de uma das muitas caixas d'agua que geralmente se encontram ao longo das estradas de ferro, mas não demorou muito a que o chefe de trem nos informasse o que acontecera.

Chefe - Houve um desarranjo sério na máquina e vamos ser obrigados a ficar por aqui até que o maquinista possa chegar a pé em Barra Funda e peça, pelo telégrafo da Estação, que nos mandem, de Vicentina, uma outra máquina para nos levar.

Narrador - E isso irá demorar muito tempo?

Chefe - Si eles tiverem lá uma máquina disponível e puderem mandá-la em seguida, serão seis horas de espera, do contrário terão que pedi-la mais adiante e aí a demora poderá ser de oito horas ou mesmo dez. Depende.

Narrador - Que estopada! Olhe que ficar seis ou oito horas sentado dentro de um trem completamente cheio como êste, não é brincadeira.

Chefe - Que é que se pode fazer? Não ha outro remédio. A máquina quebrou de verdade.

Narrador - Se ao mehos estivéssemos próximos a uma localidade <sup>qualquer</sup> ainda se poderia procurar um Hotel para <sup>se</sup> passar a noite.

Chefe - Barra Funda não está tão longe. Se quizer andar uns quarenta ou cinquenta minutos a pé, o maquinista vai sair pra lá agora.

Narrador - E haverá por lá um hotelzinho razoavel, onde se possa dormir uma noite descansada?

Chefe - Hotel, propriamente, não, mas tem a pensão da italiana que todos dizem que é muito confortável.

Narrador - É pouco mais de meia noite... Quer dizer que antes das seis horas da manhã o trem não sairá daqui, não é isto?

Chefe - De maneira nenhuma e isso se houver máquina em Vicentina, do contrário vai demorar mais.

Narrador - Si eu pudesse dormir cinco horas, confortavelmente, já seria um bom descanso.

Chefe - O senhor faça o seguinte: antes de procurar a pensão, o senhor vá à estação com o maquinista. Depois que vier a resposta de Vicentina, o senhor já faz um cálculo mais exato das horas que poderá dormir.

Narrador - (narrando) E assim fiz. Depois de andar com o maquinista mais de uma hora, dentro da noite, pulando de dormente em dormente, chegamos, finalmente a Barra Funda. Fômos diretamente à estação, onde, onde após umas

CONTROLE - ENTRA COM RUIDO DE TELEGRAFO EM B/G, ATÉ NOVA RUBRICA.

três ou quatro comunicações telegráficas com Vicentina e outras estações mais distantes, ficou finalmente assentada a ida de uma locomotiva de socorro, que só poderia chegar ao local onde estávamos entre onze e meia e meio dia. Poderia, portanto, dormir tranquilamente até essa hora, almoçar e vir para a Estação de Barra Funda em tempo de apanhar novamente o trem, na sua passagem.

CONTROLE - SUSPENDE O RUIDO DE TELEGRAFO.

Narrador - (sem cortar) A iluminação da pequena vila era pouca e bastante fraca, dificultando-me, sobretudo, encontrar a pensão da italiana, embora o Chefe da estação me tivesse explicado, com bastantes detalhes, a sua localização. Era quasi duas horas da madrugada quando consegui, finalmente, atirar-me numa cama limpa e macia e dormir, regaladamente, até quasi as onze horas da manhã seguinte. A essa hora...

CONTRA REGRA - BATIDAS DISCRETAS EM PORTA AFASTADA.

Narrador - (projetando) Um momento.

CONTRA REGRA - ALGUNS PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE SE ABRE.

Bruna - (sotaque italiano, podendo intercalar palavras em italiano ao critério da intérprete) Bon giorno, signore.

Narrador - Bom dia.

Bruna - Io sono Bruna Domenica, la proprietária de questa casa.

Narrador - Muito prazer.

Bruna - Ha passado bene? Dormido tranquilamente?

Narrador - Muito bem, felizmente, mas <sup>preciso</sup> ~~devo~~ confessar que se isso aconteceu, devo agradecer ao asseio do ambiente e à maciez da cama.

Bruna - (salamera) Tante grazzia, signore.

Narrador - Não tem o que me agradecer, pelo contrario, eu é que lhe devo agradeci-  
mentos pela noite verdadeiramente repousante que a sua casa me proporcio-  
nou. (Tom) São onze horas da manhã; não é isto?

Bruna - Exatamente. Deseja tomare um bom café ou preferê esperar mais un pouco e almoçar?

Narrador - O trem vai passar na Estação um pouco antes da uma hora da tarde, por-  
tanto creio que...

Bruna - (cortando) Oh, no, no, signore! Ia me esquecendo de lhe dizer o que é  
mais importante: o chefe da estação ~~est~~ve aqui para avisar o signore  
que o socorro não pode vir na hora que estava combinada e que o trem  
só vai seguir viagem ao anoitecer, entre sete e oito horas.

Narrador - Óra que massada! Eu precisava tanto estar em Vicentina antes das cinco  
horas da tarde!

Bruna - É realmente um transtorno quando essas coisa acontecem, mas que se vai  
fazer, non é vero?

Narrador - Imagine a senhora que eu precisava estar presente à reunião dos cria-  
dores que se realiza hoje em Vicentina, na Associação Comercial e esse  
imprevisto vai tornar completamente inútil a minha viagem. Não haverá  
algum outro meio de comunicação em que eu possa chegar <sup>até</sup> lá antes das cin-  
co?

Bruna - Automóbile, ma... la strada é péssima e difficilmente o senhor poderá  
vencer a distância no tempo que é preciso. Antes de las sete ou oito ho-  
ra non chegará.

Narrador - Não me adianta nada, então. Creio que o melhor que tenho a fazer é  
voltar daqui. Sabe o horário dos trens que baixam?

Bruna - Agora não baixará nenhum antes que a linha seja desimpedida. Penso que  
só amanhã de manhã o signore terá trem de volta, mas eu vou mandar o ge-  
rente na estação agora mesmo e logo depois do almoço já lhe direi una  
coisa certa.

Narrador - Está bem, senhora. Muito obrigado.

Bruna - Quer descer ao salão agora para tomar um aperitivo antes do almoço? Eu  
fico arrumando o quarto.

- Narrador - (narrando) Aquiesci e fui para um canto do salão de refeições, onde estava instalado o pequeno bar, afim de preparar o estômago para o almoço que advinhava esplêndido pelos odores que se espalhavam no ambiente. Nesse meio tempo...
- Bruna - Eleonora, figlia mia, você, hoje, no vai servire no salom. Vista-se bem bonita para sentar-se à mesa comigo.
- Eleonora - Por que, mãma?
- Bruna - Porque eu quero que você seja vista por um criador riquissimo que a sorte mandou a nostra casa.
- Eleonora - (suplicante) Óra, mãma... Eu não...
- Bruna - (corta, autoritária) Cale a boca. Non diga nada. Você sabe que comigo não adianta discutire. Eu sei as coisas que faço e sei porque faço as coisas.
- Eleonora - A senhora sabe o que fez com Verônica?
- Bruna - Sei. Si ela depois não soube conservar a felicidade que eu lhe botei nas mãos, eu disse não tenho culpa. A gente ensina os cegos a andar. Diz a eles: vai por aqui, sempre reto. Si eles dobram a esquina e sofrem um desastre a culpa não cabe a quem ensinou certo, mas sim a quem andou errado, non é vero? Portanto, sua irmã Verônica, si não seguiu a estrada que lhe apontei, não pode culpar a mãma de coisa nenhuma. A culpa é sómente dela.
- Eleonora - E... Celeste?
- Bruna - Celeste é un altro caso molto diferente. Mas deixemos de conversa e vá fazer o que eu mandei. Vista-se bem bonita, arrume os cabelos, bote um pouco de colorido na boca e nas faces e atravesse todo o salão para sentar-se à mesa comigo, depois que todas as mesas estejam ocupadas.
- Eleonora - Eu tenho verdadeiro horror dessa exibição que a senhora me obriga a fazer, sempre que tenha um hóspede mais importante.
- Bruna - Seu horror não é a exibição. Éo receio de que o hóspede possa vir a se agradecer de você e eu tenha argumentos concretos para combater o seu namoro absurdo com um empregadinho sem futuro algum. (Tom) Vamo, vamo, não discuta ~~minha~~ comigo. Vá lá para dentro e faça o que eu digo.
- Narrador - (Narrando) Quando eu já estava quasi em meio ao almoço, Eleonora atravessou o salão, de ponta a ponta, vindo sentar-se à mesa de sua mãe que a acolheu com um discreto sorriso de aplauso à sua atitude. Era esguia, bem feita de corpo e trazia um vestido azul hortencia, combinando maravi

lhosamente com os seus olhos lindos e sonhadores. Eu me lembro que olhei para ela com a natural curiosidade que uma moça bonita desperta sempre num rapaz solteiro e ela, embora tivesse sentido a curiosidade dos meus olhos, soube aparentar, falsa, uma displicência que, no fundo era verdadeira. Quasi ao fim do almoço, o garçon veio me dizer que dona Bruna já estava de posse de uma informação certa sobre os trens e que ~~me~~ me pedia para chegar a sua mesa antes de me retirar do salão. Assim fiz.

Bruna - Sente-se, por favor. Vou mandar lhe servir mais um cafésinho enquanto lhe transmito as informações que o meu gerente obteve na Estação. (TOM) Alfredo, um cafésinho bem quentinho aqui para o senhor. (TOM) Esta é a minha filha mais nova, Eleonôra.

Narrador - Encantado, senhorita.

Eleonôra - muito prazer.

Bruna - O Gerente soube, pelo Chefe da Estação, que o trem só vai prosseguir viagem para Vicentina às oito horas da noite, exatamente como eu havia imaginado.

Narrador - Nesse caso, o melhor que tenho a fazer é voltar daqui.

Bruna - Trem de volta o senhor só terá amanhã, entre oito e nove horas *da manhã*.

Narrador - E haverá, ao menos, aqui, alguma coisa interessante para se fazer enquanto se espera?

Bruna - Eleonora poderá levá-lo ao Parque Florestal, si desejar. É um bonito passeio.

Narrador - E a senhorita estará disposta a me servir de cicerone?

Eleonora - Naturalmente que sim.

Bruna - Será um prazer muito vivo para ela, signore. Pode acreditar.

Narrador - O prazer será todo meu, senhora, e nem sei como agradecer uma gentileza tão grande.

Bruna - Não tem nada que agradecer, afianço-lhe. O senhor é que vai proporcionar a ela uma agradável distração neste lugarejo tão parado e tão insípido.

Non é vero, figlia?

Eleonora - É verdade, sim, mãã.

Narrador - Neste caso... a que hora poderemos sair para o passeio?

Eleonora - A hora que o senhor quizer.

Narrador - Às trez horas... trez e meia... estará bem?

Bruna - Penso que ao cair da tardinha é a hora em que o Parque fica mais bonito. O céu vai ficando rosado e depois vermelho como se houvesse um incêndio

nas núvens. É então que a silhueta das árvores se destaca, num contraste de beleza que emudece. Os pássaros se calam, a brisa arrefece e o silêncio domina, soberano. Penso que a <sup>paisagem</sup> ~~visão~~ do Parque Florestal, nessa hora do entardecer, é a única compensação que possax encontrar, <sup>aqui, quem tenha</sup> os olhos ávidos de beleza.

Narrador - Nesse caso... iremos lá ao entardecer, mas... que faremos até que a noite caia?

Bruna - Si lhe agrada, poderemos jogar as cartas. Le piace a canastra?

Narrador - É uma boa distração para matar o tempo.

Bruna - Pois então, dentro de uma hora, se quiser, poderemos jogar os três.

Narrador - (narrando) E logo que cessou o movimento do almoço no salão, eu, dona Bruna e Eleonora jogamos canastra por algum tempo. Pude notar que a moça se mantinha completamente alheia ao que fazia, cometendo, por vezes, distrações verdadeiramente imperdoáveis. Dona Bruna Domênica, entretanto, se esforçava por compensar a falta de sua filha, desdobrando-se em tentações para comigo. As quatro e meia da tarde cessamos de jogar para fazer um lunch e um pouco antes das seis saímos os dois - eu e Eleonora, rumo ao Parque Florestal. A moça se mantinha calada e arredia, embora eu fizesse tudo para agradá-la e arrancá-la daquele mutismo. A uma certa altura dos acontecimentos, notando a inutilidade dos meus esforços, resolvi dizer-lhe, com franqueza, o que ~~eu~~ estava pensando. (Contracenando) Você parece que veio contrariada a êste passeio, não é verdade?

Eleonora - Absolutamente.

Narrador - Para que procurar esconder a verdade, si ela parece, nítida, em todas as suas expressões? Talvez você tivesse programado qualquer outra coisa que êste passeio veio atrapalhar, quem sabe?

Eleonora - Não senhor. Se não tivesse vindo, estaria trabalhando no hotel.

Narrador - Ouça, Eleonora: por <sup>muito</sup> ~~mais~~ que você se esforce, o máximo que está conseguindo é mater-se polida. Está aborrecida? Quer voltar para o Hotel?

Eleonora - Não posso... Tenho que ir ao Parque com o senhor...

Narrador - Tem que ir, por que? Alguem a obriga? (Pausa) Estou compreendendo. Sua mãe, ~~me obrigando a ir ao parque~~ não é verdade? (Pausa) Por que não fala? (Pausa) Sinto nos seus olhos que você sofre, Eleonora e se você quizesse confiar em mim, quem sabe si eu não poderia ajudá-la? (Pausa) Vamos, não é preciso que vire o rosto para ocultar suas lágrimas. Conte-me tudo. Si eu puder fazer alguma coisa por você, juro-lhe que farei.

Eleonora - (prendendo o pranto que tenta jorrar do peito) Obrigada! Muito obrigada! Agradeço-lhe muito, mas... desgraçadamente, o senhor nada poderá fazer por mim... e assim, como destruiu a felicidade de minhas irmãs Verônica e Celeste,.. (desatando a chorar) ela destruirá também a minha!... (desata a soluçar perdidamente).

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA FINAL DO PRIMEIRO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

CONTROLE - CARACTERÍSTICA PARA INÍCIO DO SEGUNDO ATO.

Narrador - Lembro-me, ainda, que antes de forçar a confissão de Eleonora, deixei-a soluçar alguns instantes para que seus nervos se acalmassem um pouco e ela pudesse falar com mais desembaraço. Logo depois, convidei-a a sentarmos num banco tosco que encontramos na estrada e, mais por piedade do que por qualquer outro sentimento, voltei a ~~re~~evocar o seu desabafo. (contracegando) Vamos, não tenha receio que eu não direi, a ninguém, uma só palavra do que você me disser. Por que motivo sua mãe obrigou-a a este passeio?

Eleonora - Eu vou lhe contar tudo e o senhor vai ficar perplexo. Minha mãe é uma mulher profundamente ambiciosa, para quem o dinheiro é o Deus Supremo e Onnipotente. Foi infeliz no seu casamento com um homem que se deixou arruinar pelo vício do jogo e viu, na beleza das filhas, o meio mais seguro para retornar à sua antiga posição de abastança. Trocando a felicidade de sua filha mais velha pelo Hotel que hoje possui, ela entregou Verônica a um velho milionário desquitado que, à força de tanto maltratar minha pobre irmã, acabou por fazer com que ela fugisse e se chafurdasse na lama. Depois foi Celeste, de peregrina beleza e uma meiguice incomparável. Estava quasi noiva de um rapaz honesto e trabalhador, quando um falso conde italiano, dizendo-se senhor de muitas terras, aqui chegou, de repente, e se apresentou pretendendo a mão da pobre menina. Mãe, que se deixara levar pelas suas histórias fantásticas, logo obrigou Celeste a romper os seus compromissos anteriores para ficar noiva daquele embusteiro. As vésperas do seu malfadado casamento, Celeste foi buscar, na morte, o refúgio para o seu desespero. O Conde foi embora e não tardou em que os jornais noticiassem a sua prisão como famoso scroc internacional. Deu à Mãe um prejuízo de cem mil cruzeiros que levou em prestados, com a promessa de devolver cento e cinquenta mil, tão logo chegasse a qualquer cidade onde houvesse filial de qualquer um dos Bancos onde tinha os seus depósitos. Foi o grande castigo para a ambição

de mãe, que chorou muito mais o dinheiro perdido do que a morte da filha. Pois bem, como se não bastassem todas essas infâmias, ela agora deseja fazer comigo o mesmo que fez com minhas irmãs. Quer vender-me ao senhor.

Narrador - Ven... vendê-la a mim?!... Mas... logo a mim?!... Por que razão?

Eleonora - Porque viu o seu retrato no jornal e soube que o senhor é um grande criador de cavalos, solteiro e muito rico.

Narrador - Como é que você está dizendo?! Criador de cavalos? Muito rico? (Pausa)

Ah, sim, sim, sim. Já estou compreendendo. Então ela... ela quer que você procure conquistar-me para ver si eu me caso com você?

Eleonora - Sim. E digo-lhe mais: quando ela ~~hoje de manhã foi ao seu quarto, voltou transfigurada e disse logo ao Gerente:~~ <sup>hoje de manhã foi ao seu quarto, voltou transfigurada e disse logo ao Gerente:</sup>

Bruna - Deixe-me ver o jornal de ontem.

Eleonora - E depois de examinar atentamente um retrato que lá estava, afirmou com plena convicção:

Bruna - É ele. Não há perigo de engano. Até o sinal do lado esquerdo do queixo.

Eleonora - E como no registro de hóspedes o nome fosse diferente, ela tirou logo a seguinte conclusão:

Bruna - Com toda a certeza ele traz um nome suposto para que os repórteres não o incomodem com fotografias, entrevistas e outras coisas massantes.

Eleonora - E quando o senhor disse a ela que precisava estar presente a uma reunião de Criadores que se realizaria hoje às cinco horas em Vicentina...

Narrador - (corta) É verdade, eu disse, sim, mas... (corta) Bem, continue.

Eleonora - Quando o senhor disse isso a ela, já não lhe restaram mais dúvidas.

CONTROLE - APITO DE TREM QUE PASSA AFASTADO E, POR ALGUNS MOMENTOS, RUÍDO DO TREM, TAMBÉM AFASTADO, QUE VAI PASSANDO E SE SOME.

Narrador - Ué! Será a locomotiva que vai em socorro do nosso trem?

Eleonora - Não. É o trem que <sup>o senhor veio que</sup> vai prosseguindo ~~para~~ Viagem para Vicentina.

Narrador - Não é possível. O Chefe da Estação informou ao Gerente do <sup>hotéis</sup> que a locomotiva só chegaria, ao local onde paramos, às oito horas da noite.

Eleonora - Mãe mentiu.

Narrador - Não é possível!!!

Eleonora - Afianço-lhe que mentiu.

Narrador - Mas com que intenção, pelo amor de Deus?!...

Eleonora - Com a intenção de retê-lo aqui e enfiar-me pelos seus olhos. Ela me entregará ao senhor por qualquer preço, quer o senhor se case comigo ou apenas me leve em sua companhia. Como irei não importa, o essencial é



a importancia que o senhor lhe deixe em suas mãos. É por isso que lhe peço: se o senhor tem, realmente, boa vontade em me auxiliar, mostre-se...

Narrador - (contando) Espere. Deixe eu lhe dizer uma coisa que vai afastar todos os seus temores. Sua mãe está completamente enganada comigo. Eu não sou o homem que ela julga. O que aconteceu é que o meu retrato saiu no jornal com o nome trocado. Eu sou apenas o reporter destacado pelo jornal para re-presentá-lo na reunião dos criadores. O criador que ela pensa que eu sou, é o outro que o retrato está um pouco mais abaixo com o meu nome. Foi uma troca lamentável dos tipógrafos e que os revisores, ainda mais lamentavelmente, deixaram escapar. Portanto, quando chegarmos de volta ao Hotel, eu simplesmente desfarei o engano e ela desistirá das suas intenções.

Eleonora - Não, não! Eu lhe peço que não faça isso, si realmente deseja ajudar-me. Isso viria livrar-me de ser vendida agora, mas amanhã ou depois, quando aparecesse um novo comprador, que pudesse pagar bom preço pela minha beleza, ele me levaria como esposa ou ~~amante~~ simplesmente como amante, desde que deixasse nas mãos de minha mãe um bom punhado de ouro. É uma verdade dolorosa a que estou dizendo, mas é simplesmente uma verdade.

Narrador - Que deverei fazer, então, para ajudá-la?

Eleonora - Deixar que todos continuem a pensar que o senhor é, realmente, o grande criador, cujo retrato viram no jornal. mas agora, tratemos de regressar porque a noite está bem próxima e temos que andar ainda um bom pedaço até chegar ao Hotel. No caminho iremos conversando e eu lhe direi a maneira como deve agir.

Narrador - Perfeitamente. Voltemos, então. (Narrador) E assim fizemos. Voltamos lentamente, ela sempre chorosa e tristonha e eu, ora indignado, ora curioso, ouvindo o rosário de infâmias praticadas por Bruna Domênica contra o pudor e a felicidade de suas filhas. faltavam ainda duas ou três quadras para que chegassemos ao Hotel. Justamente quando iam começar a delinear o plano que eu deveria pôr em prática para auxiliar Eleonora, Bruna Domênica veio ao nosso encontro, fingindo-se muito aflita porque a noite havia caído e a filha não regressára do Parque. Ela não estava aflita, mas profundamente contrariada por alguma coisa que eu não podia adivinhar qual fosse. Teria descoberto a minha verdadeira identidade? Não parecia ser isto, porquanto ela continuava a me dispensar os seus melhores sorrisos e os seus mais falsos agrados. E embora, durante o jantar, tivesse procurado se mostrar amorosa e delicada para com a filha, eu comeci a sentir

que o motivo da sua contrariedade era com Eleonora e não comigo. Estive mos juntos todo o serão, mas não houve meios de podermos combinar a maneira como eu deveria proceder para ajudar a pobre moça, porque Bruna Domenica não se afastou um instante de nós. Quasi às onze horas da noite, fui me deitar e, ao entrar no meu quarto, tive a enorme surpresa de encontrar, por debaixo da porta, um pequeno bilhete que estava assim redigido:

Eleonóra - O trem da manhã deverá passar às seis e não às oito ou nove horas, como lhe informaram. Estarei na Estação para que me leve com o senhor, si realmente deseja salvar-me. Eleonora.

Narrador - A minha surpresa não ficou só nesse bilhete, porque momentos depois de o ter lido, alguém veio bater discretamente à minha porta.

CONTRA REGRA - BATIDAS MUITO DISCRETAS, UM POUCO AFASTADAS.

Narrador - (sem parar) fui abrir e o Gerente do Hotel, um homem quasi velho, apresentou-se a minha frente com um brilho extranho nos olhos.

Gerente - (meia voz, mistério) Desculpe se venho incomodá-lo, quando já se recolheu para dormir.

Narrador - Que deseja?

Gerente - Desejo salvá-lo.

Narrador - Salvar-me? De que, ora essa!

Gerente - De uma cilada infame em que está prestes a cair.

Narrador - Cilada?! Não entendo. Quer fazer o favor de falar claro?

Gerente - Não. Eu não vou falar. O senhor não me acreditaria.

Narrador - E como pretende salvar-me, então? Como poderei saber que espécie de cilada é essa de que voce falou?

Gerente - Venha comigo ao meu quarto e talvez ainda chegue em tempo de ouvir um diálogo muito <sup>extranho</sup> ~~interessante~~ e que bastante ha de lhe interessar.

Narrador - (narrando) Não resistindo à curiosidade que me assaltava, acompanhei aquele homem extranho e depois de haver percorrido um longo corredor, mal iluminado, penetrei, nas pontas dos pés, num pequeno quarto onde havia apenas um tabique de madeira separando-o de outro, onde eu podia ouvir, nitidamente, as vozes de Bruna Domenica e Eleonora.

Bruna - E deoise figlia? Conta tutto per me.

Eleonora - Ele se mostrou profundamente penalizado pela minha situação e me disse que estaria disposto a fazer qualquer coisa para me auxiliar.

Bruna - Splendido! Splendido! E combinarò alguna cosa?

Eleonora - Não chegamos a combinar coisa alguma, porque justamente quando iam entrar neste ponto foi que ~~o~~ <sup>s</sup> ~~o~~ <sup>senhora veio</sup> ao nosso encontro e, sem querer, ~~interrompeu~~ interrompeu o nosso assunto.

Bruna - Que pena que fu. Se io sapeva... E agora? Como vamo facere?

Eleonora - Não se preocupe que amanhã, na estação, eu derramarei mais algumas lágrimas na sua presença e acabarei por convencê-lo a levar-me em sua companhia.

Bruna - E assi que tenham chegado lá, você me passa um telegrama que é para eu ficar sabendo aonde estão e poder avisar a polícia. Ai se faz em seguida o casamento e fica tutto resolvido. Que successo que vai ser si chegamos a agarrar este bôbo! (ri as gargalhadas)

Narrador - (meia voz) Quanta baixeza, meu Deus! Tenho ímpetos de desmascará-las neste mesmo instante.

Gerente - (idem, assustado) Não faça isso, por favôr, lembre-se que me compromete, pagando-me com o mal o bem que lhe estou fazendo. Venha, venha, já ouviu o suficiente para acreditar no resto que lhe contarei.

Narrador - Saímos do quarto nas pontas dos pés, como havíamos entrado e nos dirigimos ao bar do Hotel, àquela hora da noite quasi completamente às escuras. E foi então que aquele extranho homem continuou a falar.

Gerente - São diabólicas as almas dessas criaturas. Para salvarem-se da desgraça não se importam de arrastar criaturas inocentes que nada temem a ver com as suas fraquezas e os seus pecados. Bruna Domênica é um verdadeiro Satanaz de saias, mas a filha, com toda a sua carinha de anjo, não lhe fica atrás.

Narrador - Mas que vantagem elas pensam ter em me obrigarem a um casamento desses?

Gerente - O de salvarem o nome <sup>e</sup> a honra de Eleonora, seriamente comprometidos por outro que lhes deu bom dinheiro, mas não pode assumir a responsabilidade do seu ato porque é casado.

Narrador - Que infâmia, meu Deus!... Que baixeza!... (Pausa) Eleonora é uma artista perfeita. Se o senhor pudesse ter visto os seus soluços e as suas lágrimas como pareciam sinceras!

Gerente - Lágrimas de crocodilo. Foi o que ela aprendeu em toda a sua vida: chorar, sempre que fôsse necessário, para tirar bom partido da ingenuidade alheia. Felizmente eu ouvi todo o plano traçado, tive pena do senhor e prometi a mim mesmo que haveria de salvá-lo.

Narrador - E eu lhe agradeço de todo o coração, porque mesmo que pudesse fugir ao casamento, estou bem certo de que não seria pouco o que teria que me incomodar com a polícia.

Gerente - E não se livraria do escândalo que ela haveria de fazer em torno do seu nome.

Narrador - Veja êste bilhete que encontrei em baixo da minha porta, momentos antes do senhor ter ido bater ao meu quarto.

Gerente - (depois de pausa) Eu bem vi quando ela o colocou por baixo da sua porta. que pensa fazer, agora?

Narrador - Que me aconselha?

Gerente - Bruna Doménica e Eleonora são duas criaturas perigosas quando querem alcançar alguma coisa. O senhor terá que agir com astúcia para poder livrar-se delas. Faça o seguinte: ~~em~~ ~~o~~ ~~seguinte~~ ela vai querer embarcar com o senhor, mas o senhor não a leve, sob pretexto algum. Finja acreditar em todas as suas mentiras e prometa-lhe voltar dentro de poucos dias para buscá-la. Diga-lhe que está à espera de um apartamento que lhe foi prometido e assim que tenha recebido a chave voltará para levá-la. E nunca mais volte aqui.

Narrador - Sim... talvez essa seja a melhor forma de agir.

Gerente - É a melhor, afianço-lhe. Mas não esqueça: nunca mais torne a aparecer aqui, para seu próprio bem.

Narrador - Deus me livre! (Pausa) Eu só tenho pena de uma coisa.

Gerente - Que é?

Narrador - De não poder dizer-lhe, na sua cara, o nojo que ela agora me inspira.

Gerente - Nem pense nisso, pelo amor de Deus! Elas chegariam logo à conclusão de que somente eu poderia haver traído o seu segredo e me fulminariam com o seu ódio. E infelizmente eu estou preso aqui e preciso delas, embora as odeie com todas as forças do meu coração.

Narrador - Só pelo receio de prejudicá-lo é que me furtarei ao prazer de rir na cara dela quando ela vier novamente com as suas lágrimas fingidas.

Gerente - E eu lhe agradecerei o seu silêncio, acredite.

Narrador - muito mais terei eu a lhe agradecer, pode estar certo.

Gerente - Bem, e agora vá descansar que o senhor terá que levantar muito cedo. O trem deverá passar realmente às seis horas e já um pouco antes o senhor terá que estar na estação.

Narrador - Obrigado, meu amigo. Boa noite e conte com um amigo, sempre, ao seu

inteiro dispôr. (Pausa) Eleonora! Um demônio com cara de anjo! Não será fácil esquecê-la! Estou certo de <sup>ainda</sup> que ~~verei~~ verei me lembrar muito - e por muito tempo - dêste pernoite em Barra Funda.

CONTROLE - CORTINA GRANDIOSA, FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO 2º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

CONTROLE - CARACTERÍSTICA PARA INÍCIO DO 3º ATO.

Narrador - (narrando) Diante das estarrecidas revelações que me fizera o Gerente daquele Hotel de Barra Funda, custei muito a conciliar o sono e embora, até então, não tivesse sentido por Eleonora mais do que uma grande simpatia e uma ~~profunda~~ <sup>sincera</sup> piedade, surpreendia-me, naquele instante, profundamente chocado com a sua deslealdade e o seu fingimento, tal como si ela houvesse ocupado, no meu coração, um lugar de grande destaque. Por vezes cheguei mesmo a sentir uma imensa tristeza, por me ver obrigado a aliar o seu rostinho de anjo ao ódio e a revolta que rugiam dentro do meu peito. E pensei, até, que talvez pudesse amá-la e casar-me com ela, si toda aquela historia que me contou tivesse sido verdadeira. Finalmente, depois de muito pensar, o sono cerrou meus olhos, mas mesmo assim ainda foi ela quem povoou os meus <sup>agitados</sup> sonhos de poucas horas. Antes das cinco e meia, a mandado do Gerente, o porteiro veio bater a porta do meu quarto.

C/REGRA - BÁTIDAS INSISTENTES NA PORTA, AFASTADA.

Narrador - (num bocejo) Quem é?

Voz masc. - ~~Maria~~ (afastada) Está na hora, senhor.

Narrador - (projetando) Obrigado. Já vou me levantar. (Narrando) Vesti-me apressadamente, ansioso pelo momento de me ver novamente a frente de Eleonora. Quando já estava de saída, o ~~porteiro~~ Gerente veio me dizer adeus.

Gerente - Desejo que tenha uma boa viagem e que tenha ficado satisfeito com os nossos serviços.

Narrador - Obrigado. Foi tudo bem, meu amigo.

Gerente - (meia voz) Ela já está na estação desde as cinco e meia. E levou a mala, sabe?

Narrador - (idem) Não terá outro remédio sinão trazê-la de volta.

Gerente - (idem) Isso, meu amigo, isso. Não se deixe levar pelo canto da sereia. Inda que ela se atire aos seus pés para levá-la, mande-a de volta que não se arrependerá.

Narrador - (idem) Fique descansado.

Gerente - (alto) As malas já estão na boléa do carro. Apure que o senhor está quasi atrazado.

Narrador - Muito bem. Até outra vista, amigo.

Gerente - Passe bem, senhor, e boa viagem.

Narrador - (narrando) O boleeiro deu de rédea aos cavalos e em pouco mais de dez minutos já eu me achava na Estação. Embora já estivesse próxima a hora da passagem do trem, apenas dois ou três vultos, sonolentos, se advinhavam na penumbra da madrugada. Depois de haver comprado meu bilhete de regresso no pequenino guichet, dirigi-me à plataforma e me sentei num banco de espera. No banco ao lado havia um vulto que logo se levantou, dirigindo-se a mim:

Eleonora - Bom dia, senhor.

Narrador - (irônico) Bom dia.

Eleonora - (triste) Está com ódio de mim, não é verdade?

Narrador - (surpresa abobante) Ó... ódio de você? (disfarçando) Óra essa, por que motivo haveria eu de ter ódio de você? Você não me fez nada...

Eleonora - Seja sincero comigo, como eu estou sendo com o senhor. O senhor deve estar profundamente decepcionado com o que ouviu ontem à noite, não é verdade? (Pausa) O seu silencio vale por uma afirmação. Ouça, senhor: sei que será muito difícil, agora, convencê-lo de que tudo aquilo que lhe disse <sup>antes</sup> ~~então~~ é a expressão da verdade, mas o meu desespero é tão grande, que ainda assim tentarei.

Narrador - E que explicação você me poderá dar para o que ouvi?

Eleonora - Foi uma cena preparada, à propósito, afim de que ~~você~~ o senhor pensasse de mim o que está pensando.

Narrador - Mas de que maneira sua mãe pode ficar sabendo que...

Eleonora - Espere ~~me~~ Deixe-me contar-lhe tudo que o tempo é pouco. Depois o senhor me dirá tudo que queira.

Narrador - Está bem, fale.

Eleonora - Aquele velhote intrigante, que está como Gerente do Hotel de minha mãe, gosta de mim ha muitos anos, e por várias vezes tem pretendido comprar-me de minha mãe. Vive avaramente, guardando tudo que ganha, de ordenados e gorjetas, afim de conseguir a quantia que minha mãe lhe exigiu. Da última vez que tentou arrebatá-me, tenho ainda bem nítido, na lembrança, o diálogo que trocaram:

Gerente - Pago-lhe quinhentos contos à vista e o restante depois, em prestações mensais.

- Bruna - Não quero. Já lhe disse que são oitocentos contos à vista. Dinheirinho batido, de outra forma não serve. E já sabe o resto como é: si nesse meio tempo aparecer um homem bem rico que deseje levá-la, eu não tenho nenhum compromisso com você.
- Eleonora - Em virtude dessa paixão mórbida e doentia, o velhote vive me espionando, sempre atento ao menor movimento que ele imagine que nos possa separar. Foi exatamente por isso que eu não fiz questão de chegar ao Parque, preferindo conversar com o senhor no meio do caminho. Ele sabia que nós íamos para lá e eu estava certa de que ele havia ido na frente, para esperar-nos. Infelizmente, porém, ele nos seguiu à distância e viu quando nos sentamos naquele banco. Imediatamente deu jeito de se aproximar sem que o vissemos e desgraçadamente ouviu tudo que conversamos. Ao saber que o senhor era um repórter e não um rico criador, exultou de felicidade e foi contar tudo à minha mãe.
- Narrador - Por isso, então, <sup>que</sup> ela veio depressa ao nosso encontro e me tratou de maneira tão diferente.
- Eleonora - Está claro. Eu própria extranhei a sua atitude, mas logo vim a compreendê-la, quando entrei para o quarto, afim de mudar de roupa para o jantar.
- Bruna - (áspera) Eleonora, conte-me tutto.
- Eleonora - (amarga, mas obediente e medrosa) Contar-lhe o que, mãma? As mesmas coisas de sempre? Que fomos ao parque olhar o crepúsculo e que eu me acheguei bem a ele deixando que me abraçasse? Que me fingi apaixonada por ele, correspondendo, um por um, os beijos que me dava? Que lhe fiz compreender, abertamente, que se me quizesse levar em sua companhia que eu estava disposta a seguir com êle, mesmo que êle não quizesse se casar comigo?
- Bruna - (mais áspera) Basta de mentira! Quero que me conte tutta a verdade.
- Eleonora - (medrosa) Mas se a verdade é essa, Mãma... se fiz exatamente como a senhora sempre me ensinou...
- Bruna - (furiosa) Tu queres que te dê uma surra? Tú no foste no o Parque. Ficas-te con lei nel mezzo del camino.
- Eleonora - (Pausa) Já sei. Aquele velho asqueroso, como sempre, foi nos esperar no Parque para nos espionar. Como não nos viu chegar lá... (encontrando uma mentira para salvar a situação) Pois a senhora quer que lhe diga a verdade? Justamente porque eu sabia que ele estava lá é que resolvi ludibriá-lo e propuz ao rapaz que nos sentássemos num banco que

existe à beira da estrada, logo depois daquela chácara onde a senhora com  
pra camelias.

Bruna - (sempre áspera e rancorosa) Risolveste ludibriar a ele e a me, ma fumo  
nói que te ludibriamo, perché Alfredo iscutou tutto quanto parlarano.

Eleonora - Si ele escutou realmente, que deseja a senhora que lhe conte mais?

Bruna - Tu no tem vergonha en questa cara de parlare mal de tua mãma para un ho  
mo que tu no conoce?

Eleonora - A mãe que ensina a filha a se deixar beijar por desconhecidos, não  
pode exigir que ela tenha vergonha para qualquer outra coisa.

CONTRA REGRA - BOFETADA VIOLENTA. (Gemido simultâneo de Eleonora)

CONTROLE - EM CIMA DA BOFETADA UM ACÓRDE SECO E TRÁGICO.

Bruna - (ao mesmo tempo que a bofetada, com ódio) Cachorra!... (Pausa longa)

Atrevida! Desde quando tu pensa que tens o direito de dizer disaforos pa  
ra a tua mãma? Que estás pensando que io sono? Una mulhere sem energia  
que vai se deixar desrespeitar por una bambina? Pur inquanto que eu tivé  
forza nos meus braço pra pegá no cabo dum chicote, eu hei de me fazê res  
peitá. Maluca! Doida! Vais contá pra a um repórte que a tua mãme qué te  
casá com os home por o interesse, por o dinaro? E si ele bota tutto no  
giornale? Pois agora tu vai desmentire tuttá tutti quanto tu dice para  
ele, ou então... tu vai vedere o que te acontece.

Eleonora - Já não me importa nada do que me aconteça, mãma. ~~Esta~~

Bruna - Quer dicere então que estás disposta a me desobedecer?

Eleonora - Estou cansada desta vida de fantoche que tenho levado. Sem direitos,  
sem opinião, sem vontade própria... Fantoche que se movimenta ao sabor  
dos seus dedos que só se **movem** para me levar de encontro à mentira,  
ao interesse, à hipocrisia, à falsidade, ao vício e ao erro.

Bruna - (violenta) Cala essa boca imediatamente, si no queres que te corte o  
corpo a chicote. Tu tens que remediar a situação difícil que criaste pa  
ra min, de qualquer maneira. Difícil e periculosa. Vai chamar o Alfredo  
que eu quero falar com ele imediatamente e, em seguida, recolhe-te ao teu  
quarto e trata de te prepararare para o jantar.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E PORTA QUE SE ABRE.

Bruna - (projetando) E depois de vestita, fica lá dentro do quarto até que meu  
te mande chamare.

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE FECHA, AFASTADA.



Leonora - (narrando) Estonteada pela surpresa com que eu fôra colhida e acostuada que estava a ser dominada por ~~XXX~~ minha mãe, embora rugisse dentro do meu peito uma revolta imensa, obedeci suas ordens, vencida e humilhada. Fui chamar Alfredo. Ele advinhava a cena que se havia passado e procurou desculpar-se.

Gerente - Você me perdôe, Eleonora. Eu gostaria de poder...

Eleonora- (corta) Cale-se. É melhor que não me diga nada.

Gerente - Você precisa compreender que se procedi...

Eleonora- (corta) Só ha uma coisa que eu compreendo, Alfredo: que você tem prazer de mer ver sofrendo.

Gerente - Não diga isso, por favor, Eleonora. O que sou é um homem perdidamente enamorado de você e que se vendo na iminencia de ~~perdê-la~~<sup>a</sup>, lança mão de todos os recursos para retê-la.

Eleonora- Você sabe que eu não o amo, Alfredo; sabe que nunca poderei amá-lo, sabe que é velho, sabe que é feio, que não possui o menor atributo moral ou intelectual para prender uma mulher que poderia ser sua filha e ainda assim insiste nessa ideia absurda, mesmo sabendo o quanto eu o desprezo. Que juizo eu posso fazer de um homem como você? Que é um desequilibrado mental ou um tarado sem escrúpulos.

Gerente - Não, Eleonora, eu já lhe disse o que sou: um homem apaixonado.

Eleonora- Bem, eu não vim aqui para discutir com você o que você possa ser. Vim prevení-lo de que a mãma quer falar com você imediatamente. Ela está no quarto à sua espera.

Gerente - Eu vou imediatamente.

(narrando)  
Eleonora - E lá, de portas fechadas, eles concertaram um plano que eu não demorei muito a ficar conhecendo. Estava me arrumando para o jantar, quando a mãma entrou no meu quarto. Seus olhos falavam do seu ódio surdo contra mim e eu me senti atemorizada. Depois de ter fechado a porta do quarto à chave ela se sentou a beira de minha cama e falou:

Bruna - Estou profundamente indignada com tudo que aconteceu hoje e juro-te que me contenho para no fazer un scândalo. Tu tens que scolhere entre corrigir a situaçom ou seres castigada sin nessuna clemencia. Doppo jantare, (afastando) quando tutto se forano a dormire, noi altri...

Eleonora - (Narrando) E foi então que ela exigiu que eu representasse aquela cena que ~~XXXXXX~~ o senhor escudou, através do tabique de madeira que separa aqueles dois quartos. Isto, eu lhe juro, foi tudo o que se

passou. Se o senhor ~~estiver~~ acreditar em mim, estará sendo justo e ajudando a salvar-me, ha de merecer a minha eterna e imperecível gratidão. Se continuar a crer que eu seja tão hipócrita, como devo estar parecendo aos seus olhos, não me restará outra alternativa sinão permanecer aqui e esperar que se cumpra o destino hediondo que minha mãe me resérva. (Pausa longa) Fale, por favor, diga o que está pensando.

Narrador - E por que motivo sua mãe consentiu que você viesse a Estação, quando poderia impedi-la?

Eleonora - Foi Alfredo que lhe aconselhou a proceder dessa forma, certo que estava que o senhor me mandaria de volta. Quiz que eu devesse a ele essa humilhação, já que tantas vezes eu é que o tenho humilhado.

CONTROLE - APITO DE TREM AFASTADO. RUIDO DE TREM QUE VEM AOS POUCOS SE APROXIMANDO, E PARA NA ESTAÇÃO.

Eleonora - O trem vem aí. Ainda que não me queira levar, diga, ao menos, que acreitou em mim. Ha de me restar, <sup>emfim</sup> ~~XXXXXXXXXX~~, esse consolo.

ESTÚDIO - RUIDO DE ALGUMAS VOZES NA ESTAÇÃO.

Eleonora - Fale; por favor! O trem não demora a partir e eu não desejo que o senhor leve, de mim, uma impressão tão deploravel. Deixe-me aqui, sofrendo, chorando e cumprindo o meu fado, mas ao menos me diga que acreditou em mim. (Pausa) Bem, já que você não quer falar... eu volto para casa... (chorando) mas volto de alma partida, não tanto porque tenha fracassado a minha esperança de salvação, mas muito mais por sentir a inutilidade dos meus esforços em lhe provar que fui sincera.

CONTROLE - SINAL DE PARTIDA DE TREM.

Eleonora - Vá. O trem já está dando sinal de partida.

Narrador - (depois de breve pausa) Vamos, Eleonora. Venha comigo.

CONTROLE - TREM QUE PARTE, PERDENDO-SE AOS POUCOS NA DISTANCIA, ATÉ DESAPARECER.

Narrador - Levei Eleonora comigo, ainda um pouco receoso de um fracasso, mas não tardou muito em que me convencesse de que foi um anjo do senhor que me inspirou a resolução daquele momento. Desprezando todas as ameaças anônimas que me foram dirigidas ao jornal, em cartas quasi diárias, casei com ela, três mezes depois e somos, ha mais de três anos, imensamente felizes. E se na ocasião lamentei o imprevisto que me levou à pensão de Bruna Domênica, hoje tenho motivos de sóbra para abençoar aquele pernoite inesperado em Barra Funda.

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DA PEÇA.

D I S T R I B U I Ç Ã O :

NARRADOR..... Paulo Ricardo  
CHEFE..... Darcy Fagundes  
BRUNA DOMÉNICA..... Claudia Martins  
ELEONORA..... Zaira Acauan  
GERENTE..... Roberto Iis  
VOZ MASO. .... Moacir Ribeiro

---